

EDITORIAL

Saudações aos antigos e novos leitores da Último Andar. Aqui lhes ofertamos acompanhar com olhos e pensamentos o decorrer destas páginas, as quais compreendem textos sobre variados objetos a trazer ricas particularidades às províncias das Ciências da Religião. Enquanto crescendo aos poucos em número de páginas - na verdade, nem tão "poucos"! – e, conseqüentemente, em colaboradores e temas, a revista gradualmente promete maior espaço e repercussão à pesquisa competente e original nesta disciplina. É nosso intuito expandi-la daqui em diante e, como canal acessível, firmar aliança com o cientista da religião que advoga maior atenção à sua área de pesquisa. Antes que a equipe vos dê licença para desfrutar das seguintes páginas, portanto, convidamos discentes e docentes pesquisadores de religião a enviar-nos artigos, resenhas e outros materiais condizentes, mediante as instruções expostas no site¹, em uma bem-vinda colaboração mútua. Agradecemos a parceria e a espera; isso posto, apresentemos o presente número.

A doutoranda Clarissa De Franco, parte de nossa equipe editorial, encabeça esta edição entrevistando Fabricio Possebon, professor doutor que coordena os cursos superiores em Ciências das Religiões na UFPB. Vindo da USP, sua experiência em Letras Clássicas e a importância destas para o estudo de religiões abriu espaço para sua associação com o programa na Paraíba. Ele conta à revista as circunstâncias que fizeram surgir o curso de graduação naquela universidade e seu reconhecimento pelo MEC, sua demanda associada ao Ensino Religioso, e as linhas de pesquisa que o constituem. Também aponta a escolha pelo plural no nome da disciplina e expectativas tanto para os profissionais ali formados, quanto para os próprios estudos religiosos no país, cuidando para inibir posicionamentos excludentes de crenças minoritárias.

O artigo de Ruth Kelson situa no contexto do Holocausto uma indagação presente desde os primórdios da filosofia e que permanece viva até os tempos de hoje: *O Problema do Bem*. Seja vista por um ângulo trágico, ou de teodiceia, ou de gnosticismo, a bondade humana muitas vezes parece não se encaixar adequadamente no que tomamos por desígnios divinos ou imposições sociais. Onde deve se assentar o Bem no mundo e no interior das pessoas, e como mantê-lo firme frente às intempéries e terrores criados sobretudo pelo próprio

¹ <http://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar>

homem, único ser que poderia portá-lo? O Mal seria raso e cômodo, enquanto só o Bem estaria munido de profundidade, o que se evidencia pelas atitudes heroicas emergindo deste tão marcante conflito do século XX no qual, defende a autora, a perseguição dos judeus era feita por homens "normais" buscando sua própria segurança antes de consonância com sua consciência. Opondo-se a estes estavam os salvadores, com o Bem a lhes nortear em sua coragem.

Em *Poderia existir magia no pentecostalismo?*, Francisco José Barbosa procura apontar elementos "mágicos" do catolicismo popular dentro do pentecostalismo paraense opondo, no âmbito da Igreja Assembleia de Deus, o perfil da sede-mãe e o da congregação-filha. Pergunta se tal fenômeno que mescla dois conceitos opostos - erudição e credence - seria uma absorção de um pelo outro, ou um desenvolvimento paralelo. Para tal, recorre às concepções weberianas de magia, carisma, e as justificativas sociais que o pensador apontou como rizomas de tal comportamento religioso, colocando algumas ressalvas frente a Durkheim. Teria havido um desencantamento do mundo por artifícios racionais? Opondo magia e religião sob os olhos de Bourdieu - que, por sua vez resgata Weber e outros atrás dele -, a argumentação segue pelos seus caminhos sociológicos sem – coloca o autor – ignorar o simbólico no "catolicismo rústico".

No artigo *A procura do sagrado: a metáfora nas expressões linguísticas dos textos do fundador da Igreja Messiânica Mundial*, Emilson Soares dos Anjos defende a hipótese de que se evidencia considerável sucesso no esforço de tradução das doutrinas trazidas pelo fundador Mokiti Okada, sobretudo empregando o recurso linguístico da metáfora, no intuito de preservar seu sentido original. Primeiramente situa a juventude do líder no contexto histórico, colocando dilemas financeiros, familiares e de saúde como elementos mobilizadores de uma crença que antes negava a própria divindade, profetizando agora a chegada de um paraíso terrestre nascido a partir do indivíduo, mostrando-se religião adaptável, bem como seus atuais sucessores. Situa então a chegada da igreja no Brasil, a atenção dada ao Johrei pelos veículos e a gradual chegada dos textos do fundador, que totalizam 6500. Enfim, citando alguns trechos e descrevendo o que caracteriza uma metáfora, o doutorando procura apontar algumas nestes exemplos.

Paulo Antonio de Campos Beer e Luiz Felipe Pondé abordam a questão do fundamentalismo religioso como uma forma de sobrevivência ao enfraquecimento das formas tradicionais de organização da sociedade, partindo inicialmente da teoria de Manuel Castells: a identidade de resistência poderia se transformar em de projeto e, como a história nos mostra em alguns casos, em identidade legitimadora através de bases religiosas.

Enxergando a questão sob um "sistema de significados", *O nome-do-pai no fundamentalismo religioso: uma reflexão psicanalítica* aponta o fundamentalismo não como uma prática de objeto circunscrito, mas uma posição a permear todos os aspectos da vida, sobretudo norteadas pelos textos sagrados numa leitura intratextual dominante. A análise está amparada por questionamentos sobre outras instâncias interpretativas, pela necessidade do gozo e pelo conceito de identificação irônica como dinâmica familiar ao capitalismo, a propor enfim o Nome-do-Pai lacaniano como o elemento que organiza o mundo religioso, e o fundamentalismo como uma resposta quando este se encontra abalado.

Monalisa Dibo se vale de leituras e experiência pessoal de campo para responder *Quem é João de Deus "John of God"?*, médium goiano bastante conhecido como realizador de curas espirituais. Neste apanhado, a pesquisadora procura levantar passagens biográficas da figura em questão, e situar momentos de sua vida que considera serem "chamados" para sua "jornada". Por mais que dialogue com o espiritismo kardecista, João afirma não pertencer a uma religião mas valorizar a todas, situando eventuais problemas nos representantes da doutrina, e não nela em si. É traçado também um panorama estrutural e histórico do centro por ele erguido para praticar as curas espirituais, a Casa de Dom Inácio de Loyola, bem como o perfil da cidade que o assenta, Abadiânia. É feita uma descrição das práticas de cura que lá tomam palco, a natureza da mediunidade de João de Deus, e o relato das experiências da própria autora no centro, encerrando o texto com uma breve reflexão sobre cirurgias espirituais.

O advento da cultura tecnológica com seu "pensar em rede" representa a multiplicação de possibilidades de ensino, mas ao mesmo tempo inseguranças e questionamentos, uma vez que nos remete ao "paralelismo de aprendizado" visível desde meados do século XX pelos meios de comunicação de massa, o que nos alerta para um conseqüente enrijecimento das relações de consciência perante o outro. Teme-se a fragilização da cultura, das relações humanas e o apequenamento do senso crítico reflexivo. É esperado por aqueles movidos pela percepção do problema um suporte provindo da educação libertadora, que pretende-se horizontal e conscientizadora da cidadania. Ao longo da reflexão em *A educação libertadora e os fatores que interferem nos processos educativos*, Terezinha Sueli de Jesus Rocha e Sérgio Rogério Azevedo Junqueira defendem a importância capital da educação na construção de nossa era e do combate a estruturas que inibem o equilíbrio social, a assumir a complexidade da realidade humana, bem como adequar sem enfrentar antagonicamente a aparente sensibilidade perdida com os louros do progresso científico a conduzir o homem à *vida líquida*.

Retomando *Grande Sertão: Veredas*, obra clássica roseana contemplada como tema na Último Andar número 20, Rafael Lopez Villasenor remonta os indagares de Riobaldo sobre a existência ou a inexistência do famigerado "lúcifer", "bode preto", "satanás", e suas demais alcunhas sertanejas a aqui embelezar de coloquial a literatura brasileira. Seria o tal coisa real, concreta, invenção, ou um concreto só dentro do protagonista? O Tatarana, que parece ter sido tomado do cão do momento em que virou Urutú-Branco pra frente, pergunta-se se é de Deus ou do Demo, ou se sua própria alma fica no hiato dos dois. Manifestada nos inimigos, ainda fraciona-se? Vivenciando um maniqueísmo cujas polaridades se assemelham tanto que quase se invertem, *Uma leitura do imaginário religioso popular na figura do demônio em "Grande Sertão Veredas"* levanta ao leitor o mesmo questionamento de Riobaldo quanto a essa figura tão determinante em variados universos religiosos.

A edição 22 encerra com Claudio Santana Pimentel e sua resenha sobre o livro *Memórias ancoradas em corpos negros* de Maria Antonieta Antonacci. Conhecida por seu apaixonado interesse na porosidade e resistência da cultura africana – sobretudo manifesta pela sua característica corporeidade –, a professora ousa questionar dicotomias de um eurocentrismo ainda remanescente nos confins acadêmicos, como colocará o comentarista.

No desejo de que façam sementeiras e semeantes leituras,

Comitê Editorial